

William Waack

Política externa sem influência

Brasil tem tido grandes dificuldades em tomar conta e, na medida do possível, conduzir o que acontece no seu entorno imediato. Os problemas surgem pela confusão entre interesse nacional e interesse pessoal do presidente da República, e pelo desrespeito a postulados básicos de política externa.

Tanto em relação à Argentina como à Venezuela o governo agiu orientado por afinidades ou antipatias ideológicas, e está perdendo nos dois casos. Nos dois países resolveu "ajudar" forças políticas em contextos nos quais não dispõe de instrumentos efetivos de influência, na esperança de obter comportamentos "convenientes" de vizinhos.

Os resultados até aqui colhidos são evidentes em sua pobreza. Na Argentina o governo brasileiro tem de lidar com um "rival", e o que poderia ser de interesse comum aos dois países está em segundo plano. Na Venezuela um governo "amigo" cria tensão internacional indesejável para o interesse brasileiro, seja por fraudar eleições, seja por cultivar ambições em relação a território de país fronteiriço.

Há uma forte ironia naquilo que une Javier Milei, o libertário de direita, e Nicolás Maduro, o ditador de esquerda. Ambos se dão em público ao luxo de eventualmente tratar a pontapés o que diz o governo brasileiro. Não estão sozinhos: há bastante tempo que nenhuma chancelaria na América do Sul perde muito sono com o que se pensa em Brasília.

Maduro e Milei não dão muita bola para Lula

O que torna a situação muito complicada para o Brasil não é só o fato de exercer nesta parte do planeta muito menos influência do que geografia e economia sugerem que o País poderia ter (ejá teve). Argentina e Venezuela são exemplos da atração que polos opostos na política internacional exercem hoje sobre países de uma mesma região – desafio que o Brasil também enfrenta.

Caricatas ao não, as posturas de Argentina e Venezuela espelham um choque maior entre "aliança pró-ocidental" versus "eixo das autocracias". No qual o Brasil está literalmente no meio: depende da exportação para autocratas sobretudo na Ásia e da importação de insumos (de Defesa e tecnologia do agro) das democracias ocidentais. Universo ao qual pertence por história e valores.

Essa nocão de delicado equi-

líbrio é vital para uma potência regional média, como o Brasil, com escassa capacidade de projeção de poder. Como ensinam os clássicos das relações internacionais, a maior "proteção" que um país desse tipo pode alcançar está em alianças regionais que ampliem seu peso relativo.

POLÍTICA

O que pressupõe pensamento estratégico, mobilização eficiente de recursos e, principalmente, direção e sentido dados por elites políticas e econômicas. Em gíria política chama-se isso de "pensar o país". Estamos longe disso. ●

JORNALISTA E APRESENTADOR

SEG. Carlos Pereira e Diogo Schelp (quinzenalmente) • TER. Eliane Cantanhède • QUA. Vera Rosa e Marcelo Godoy (quinzenalmente) • QUI. William Waack • SEX. Eliane Cantanhède • DOM. Eliane Cantanhède e J.R. Guzzo

Justica

Jair Renan vira réu por lavagem de dinheiro

Jair Renan Bolsonaro se tornou réu na Justiça e vai responder a uma ação penal pelos crimes de falsidade ideológica, uso de documento falso e lavagem de dinheiro.

O filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) é acusado de usaruma declaração de faturamento falsa da empresa RB Eventos e Mídia para conseguir empréstimos bancários entre 2022 e 2023. Jair Renan ainda deu calote no banco, conforme a denúncia.

A defesa de Jair Renan, representada pelo advogado Admar Gonzaga, disse, em um primeiro momento, que não faria comentários sobre "questões

EM CARTAZ NO TEATRO RENAULT - SP

VENDAS EM TICKETSFORFUN.COM.BR

penais ou politicamente sensíveis". Depois, o advogado alegou que o filho do ex-presidente foi "vítima de um golpe montado por uma pessoa, que, dois anos depois, se mostrou conhecida da polícia e da Justiga". • TACOLORBAN



REALIZAÇÃO

EMS KMV @81.3 alpho fin NEOOH T4F

